

## O LAZER E A CIDADE CAPITALISTA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES\*

Luis Paulo VALENTE\*\*  
Raul Borges GUIMARÃES\*\*\*

**Resumo:** Neste texto apresentamos algumas idéias relativas ao significado e gênese do lazer na sociedade contemporânea e sua relação com a cidade capitalista. Buscamos demonstrar que o entendimento do lazer deve considerar o duplo processo industrialização-urbanização e a nova concepção e organização do tempo e espaço sociais, que se deu com o capitalismo.

**Palavras-chave:** lazer; cidade capitalista; industrialização; urbanização; tempo social; espaço social.

**Resumen:** En este texto presentamos algunas ideas sobre el significado y origen del "tiempo libre" en la sociedad actual y su relación con la ciudad capitalista. Nuestra intención es demostrar que la comprensión del "tiempo libre" debe considerar el duplo proceso de la industrialización-urbanización y la nueva concepción y organización del tiempo y espacio sociales, que tuvo lugar con el capitalismo.

**Palabras-clave:** tiempo libre; ciudad capitalista; industrialización; urbanización; tiempo social; espacio social.

---

\* Texto produzido a partir das discussões realizadas na disciplina "Urbanização e Produção da Cidade", ministrada pela professora Dra. Maria Encarnação B. Sposito, no curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) – UNESP de Presidente Prudente-SP.

\*\* Autor. Mestrando no curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP e membro do GASPERR – Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais. E-mail para contato: lpvalente@hotmail.com

\*\*\* Co-autor. Professor Doutor do Departamento de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, campus de Presidente Prudente e pesquisador do GASPERR – Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais.

## 1. INTRODUÇÃO

O título em tela traz para a discussão um tema de grande importância na atualidade, sobretudo se considerarmos o quadro de problemas, das mais diversas ordens, presente nos espaços urbanos. Temos, de um lado, o *lazer* que atualmente desperta muitos debates, tanto no âmbito dos estudos específicos sobre esse tema como também nos estudos urbanos em geral; e, de outro, uma realidade complexa, a *cidade capitalista* que comporta tensões e conflitos que se expressam em formas concretas no espaço e tempo urbanos.

Inicialmente destacamos que o lazer, da forma como o entendemos neste trabalho, trata-se de um fenômeno social decorrente do modo de vida urbano que emergiu com o sistema capitalista de produção. Nesse sentido, o lazer apresenta-se como parte integrante das questões que emergiram no espaço e tempo das cidades capitalistas. A origem do lazer encontra-se relacionada à nova forma, que se deu com o capitalismo, dos homens perceberem, organizarem e representarem o tempo e o espaço sociais. O lazer adquiriu significado, portanto, diante da nova configuração espaço-temporal que, imposta de maneira incisiva a partir da primeira Revolução Industrial, encontrou na cidade sua expressão máxima. Por isso a estreita relação entre a constituição do lazer e a formação da cidade do tipo capitalista.

Ao longo deste texto estaremos tratando dessas questões, apresentando algumas idéias relativas ao significado do lazer e sua constituição na sociedade contemporânea. Nesse sentido estaremos destacando, primeiro, a relação entre o lazer e o duplo processo de industrialização-urbanização. Segundo, a relação entre o lazer e a forma de se perceber e organizar o tempo e o espaço na cidade capitalista. Contudo, vamos antes, ainda nesta parte introdutória, fazer uma rápida digressão abordando o conceito de lazer. Pretendemos assim expressar, embora de maneira superficial, o debate teórico-conceitual que envolve a caracterização atual do lazer.

No campo de estudos que o lazer configura já foram produzidos muitos trabalhos, havendo um rico quadro teórico e conceitual acerca desse tema. De modo geral, os estudos do lazer deram origem a duas grandes linhas de pensamento: uma enfatiza o aspecto "atitude" do lazer, outra dá maior importância ao aspecto "tempo". Quando abordado no aspecto atitude, o lazer se define pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida. Aqui, o importante na caracterização do lazer é a livre escolha pela vivência a

ser desenvolvida bem como a satisfação pessoal e prazer alcançados. O lazer seria uma questão de *atitude*, estando sua vivência determinada pelas possibilidades e motivações individuais. Já na consideração isolada do aspecto “tempo”, o lazer é caracterizado no âmbito do *tempo livre*, que se refere não somente ao tempo liberado do trabalho, mas de todas as outras obrigações sociais como as familiares e as religiosas. (MARCELLINO, 1995).

Com relação aos dois enfoques acima descritos, pode-se concluir que a leitura do lazer, se feita privilegiando apenas um de seus aspectos, acaba por se constituir numa visão parcial e limitada do fenômeno. Seria, pois, o lazer apenas ou uma questão de “atitude” ou um “tempo livre”? Muitas interrogações poderiam ser colocadas a respeito dessas definições, a começar pela questão da existência de um tempo realmente livre, na acepção proposta, imune de qualquer tipo de obrigação, coação ou normas de conduta social. Talvez por isso seja melhor falar, ao invés de *tempo livre*, em *tempo disponível*, como sugere Marcellino (1995) entre outros autores. E sobre o lazer como “atitude”, então o trabalho poderia ser considerado lazer, ainda que marcado em nossa sociedade pelo componente de obrigatoriedade, fonte de desprazer?

Apenas recentemente os estudos do lazer, na tentativa de melhor compreendê-lo, vêm enfatizando igualmente os aspectos tempo e atitude, perspectiva esta que vem se mostrando capaz de proporcionar uma compreensão mais ampla da manifestação do lazer em nossa sociedade.

Nesse sentido, consideramos aqui a definição de lazer feita por Marcellino (1995, p. 31), que ao apreciar conjuntamente os valores ligados às dimensões tempo e atitude, define o lazer:

[...] como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

Para Marcellino (1992), é importante reconhecer o lazer como componente da cultura historicamente situado e em estreita relação com as demais dimensões da vida humana. O lazer não deve, portanto, ser compreendido “em si mesmo”, mas a partir das relações historicamente estabelecidas com os

demais campos de práticas sociais, como o trabalho, por exemplo. Há ainda a necessidade de se considerar o lazer em termos de conteúdos culturais e valores que propicia.

Quanto aos conteúdos culturais do lazer, teríamos, segundo a classificação mais aceita e corrente, seis áreas fundamentais: a artística, a intelectual, a física, a manual, a turística e a social. Cada uma delas estaria, em tese, relacionada a um determinado tipo de interesse. Contudo, não é possível fazer uma distinção rígida entre os conteúdos culturais do lazer, uma vez que, de outro lado, uma mesma vivência de lazer pode congrega diferentes interesses. No que se refere aos valores assimilados ao lazer, teríamos os de descanso e de divertimento, que são freqüentemente os mais enunciados, havendo ainda os de desenvolvimento social, pessoal e o educativo (MARCELLINO, 2000).

Enfim, a compreensão ampla da manifestação do lazer na sociedade contemporânea deve envolver os aspectos tempo e atitude, considerado-os conjuntamente, bem como os conteúdos culturais e valores assimilados. É preciso ainda considerar o lazer em sua historicidade, isto é, enquanto fenômeno historicamente gerado e em estreita relação com as demais dimensões da vida social.

## **2. INDUSTRIALIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO E O LAZER**

A primeira Revolução Industrial, ocorrida na segunda metade do século XVIII, marca o início de uma nova fase na história do homem. Não que as transformações já não estivessem em curso anteriormente, mas porque ela representa um passo significativo na ruptura com formas históricas pré-capitalistas. E é especificamente no interior das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais verificadas de maneira mais intensa a partir da industrialização que podemos entender a gênese e significado contemporâneo do lazer.

Com a industrialização o ritmo da produção industrial, da produtividade, do capital, passou a orientar toda a organização da sociedade e suas relações. Nesse momento, as noções de tempo e espaço sofreram mudanças profundas, principalmente nas cidades e a partir delas. Também, com a industrialização, a urbanização da sociedade consolidou-se como processo hegemônico e as cidades adquiriram dimensões jamais vistas, não só territoriais e demográficas mas também, e principalmente, em termos de complexidade de relações

(econômicas e políticas) e da vida urbana que ela comporta. Dessa forma, não é difícil reconhecer a existência de uma estreita relação entre industrialização e urbanização, que enquanto processos históricos têm na cidade sua expressão material, concreta, e na vida urbana que ela comporta sua expressão imaterial, social, cultural.

Com efeito, a partir da industrialização e da urbanização a ela correspondente as cidades passaram por profundas mudanças nas suas formas e arranjos espaciais, fato que não pode ser observado sem ao mesmo tempo reconhecer a emergência de novas funções urbanas, novos valores e novas instituições no interior das cidades. O que se verifica é a produção de uma nova “espacialidade urbana”, expressiva dos novos papéis econômicos, políticos, sociais e culturais desempenhados pelo urbano.

É no contexto dessas transformações que o lazer emerge nas cidades: enquanto prática sociocultural urbana que ganha importância e se define, cada vez mais, como dimensão da vida cotidiana.

Como observa Lefèbvre:

Se distinguirmos o *indutor* e o *induzido*, pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor e que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e à planificação, as questões referentes à cidade e ao desenvolvimento da realidade urbana, sem omitir a crescente importância dos lazeres e das questões relativas a “cultura”. (1991b, p. 3).

De fato, “a crescente importância dos lazeres” encontra-se entre um dos elementos induzidos pela industrialização. Foi nas cidades capitalistas (ou industriais) que o lazer adquiriu os contornos segundo os quais o conhecemos hoje, de forma que entre os seus estudiosos há quase um consenso de que se trata de um fenômeno típico das sociedades denominadas urbano-industriais. Contudo, tomando-se esta perspectiva não se ignora a manifestação do lúdico, dos jogos, das festas, etc., nas cidades pré-capitalistas; ao contrário, estas manifestações se davam plenas de significado. O que ocorre, entretanto, é que foi apenas nas cidades capitalistas que o lazer se definiu como esfera da vida cotidiana.

Todavia, é importante observar que o cotidiano, ou melhor, a vida cotidiana é também produto da moderna sociedade capitalista, e que a

emergência do lazer se deu mediante a própria emergência do cotidiano como expressão da vida fragmentada nas cidades. Nesses termos, poderíamos considerar vida cotidiana e vida urbana como sinônimas, uma vez que é nas cidades que a cotidianidade recai com maior força sobre os indivíduos. Vida urbana na cidade capitalista é vida cotidiana.

No cotidiano, o trabalho existe como fração de vida isolada e fundamental no conjunto das demais atividades sociais. De outro lado, o lazer se define como dimensão da vida urbana que se realiza, principalmente, em oposição às atividades de trabalho. Assim, trabalho e lazer se opõem no cotidiano e definem temporalidades e espacialidades distintas. Se antes, nas sociedades pré-capitalistas, tempo e espaço de trabalho se confundiam em certa medida com tempo e espaço de não-trabalho (da família, do ócio, das festas, etc.), na moderna sociedade capitalista o que se observa é uma demarcação clara entre estes dois campos de práticas sociais. Dessa forma, na sociedade capitalista o tempo e espaço de lazer passam a não coincidir mais com o tempo e espaço de trabalho, nascendo daí o moderno dualismo lazer-trabalho. A cidade, *locus* da produção industrial e do desenvolvimento do capitalismo, é o lugar onde esta separação lazer/trabalho ganha formas objetivas, concretas.

### **3. TEMPO E ESPAÇO NA CIDADE CAPITALISTA E O LAZER**

Na Idade Média não havia necessidade de se valorizar e economizar o tempo, de medi-lo exatamente e conhecer-lhe as mínimas parcelas. Essa lentidão considerável da vida medieval estava condicionada pela natureza essencialmente agrária da sociedade feudal. Mas nela se formava e se desenvolvia um outro foco da vida social, caracterizado por um sistema particular e que requeria mais rigor na medida do tempo e mais cuidados em seu dispêndio: a cidade. (GOUREVITHC, 1975, p. 279).

Diferente das sociedades pré-capitalistas, onde o tempo era percebido segundo os ritmos da natureza e sucessão de eventos locais (festas e colheitas, por exemplo), na moderna sociedade capitalista o tempo é “[...] considerado como um fluxo uniforme e não diferenciado que pode ser subdividido em

unidades iguais e não qualitativas” (Ibid., p. 281). A cidade expressa essa nova atitude dos homens diante do tempo, sendo ela “[...] senhora de seu tempo próprio com seu ritmo particular.” (Ibid., p. 280).

Mas também é verdade que precisamente na cidade o homem deixa de ser senhor do tempo, pois esse, tendo futuramente a possibilidade de fluir independentemente dos homens e dos eventos, estabelece sua tirania, à qual os homens estão obrigados a se sujeitar. (Ibid., p. 282).

Foi particularmente no período da primeira Revolução Industrial, mediante a necessidade de maior regularidade e sincronização do trabalho, que essa tirania do tempo linear se impôs nas cidades. “O tempo (ou mais precisamente a hora) se torna a medida do trabalho. Ele adquire um grande valor, transformando-se em fator essencial de produção” (Ibid., 280). Não por acaso, é durante a primeira Revolução Industrial que ocorre a generalização do uso do relógio (o de algibeira, mais barato), fazendo com que um número cada vez maior de pessoas passasse a controlar os seus ritmos diários de vida segundo o movimento dos ponteiros das horas, minutos e segundos.

Thompson (1991), ao analisar a relação entre as diferentes situações de trabalho e as diferentes noções de tempo, nos fornece alguns elementos para entender como, na nascente sociedade industrial, a disciplinarização do tempo pelo relógio tornou-se tão importante. Segundo este autor, o tempo linear dos relógios fez-se necessário frente à crescente subdivisão do processo de fabrico (divisão técnica do trabalho) e conseqüente exigência de maior sincronização do trabalho. Por meio do controle do tempo exerceu-se o controle sobre o trabalho e também sobre o trabalhador, de forma a fazer com que este tivesse seu ritmo e rotina de trabalho subjugados ao movimento das máquinas de produção. Dessa forma, por meio do controle do tempo e da determinação do ritmo do trabalho humano pelo ritmo da máquina, novos hábitos de trabalho passaram a vigorar, tornando-o mais regular e adequado ao sistema de produção industrial.

Submetido ao tempo abstrato do relógio, o trabalho acabou por se definir na sociedade capitalista como tempo de trabalho e adquiriu valor econômico (valor de troca): trabalho como “tempo” que passa a ser vendido e comprado no mercado – daí a expressão “tempo é dinheiro”. De outro lado, a existência do trabalho como tempo isolado deu origem a um outro tipo ou

categoria de tempo, qual seja, o tempo de não-trabalho. Nesse sentido, Thompson destaca que as “[...] sociedades industriais de vários tipos estão marcadas pela economia do trabalho e por uma demarcação muito clara entre ‘trabalho’ e ‘vida particular’” (Ibid., p. 280).

Diante dessa fragmentação, temos que considerar os diferentes tempos sociais instituídos com o capitalismo. É precisamente a partir da constituição desses tempos que o lazer se define como momento da vida cotidiana. Rodrigues (1989, p. 19), fazendo referência aos trabalhos de Halbwachs (1953) e Gurvitch (1963), ressalta que na sociedade capitalista podemos distinguir diferentes categorias de tempos sociais. Segundo a autora, teríamos: o *tempo de trabalho* e *tempo ligado ao trabalho* (de deslocamento, por exemplo), o *tempo das ocupações familiares* e o *tempo livre*, sendo esta última categoria a que engloba o tempo dos lazeres e das práticas religiosas, de participação política e social ou de outra natureza.

Há, ainda, outras classificações semelhantes. Para Lefèbvre (1991a, p. 61) o homem vive durante o cotidiano três tipos de tempos sociais: o *tempo obrigatório* (o do trabalho profissional), o *tempo imposto* (o das exigências fora do trabalho, como transporte, formalidades, etc.), e, finalmente, o *tempo livre* (o tempo dos lazeres). Este autor diz ainda que o tempo imposto ganha terreno, crescendo mais rápido que o tempo dos lazeres, e tende a definir o cotidiano pelo soma de todas as imposições.

Para Cunha (1987, p. 16), os tempos sociais se distinguem principalmente “[...] pelas relações que os indivíduos mantêm entre si e com os objetos”. Nesse sentido o autor reconhece a existência de três tempos: o *tempo de trabalho* ou *produtivo*, que seria aquele destinado à criação ou manutenção do produto social; o *tempo não-produtivo*, que seria residual e complementar ao tempo produtivo, e que, portanto, tem na sociedade capitalista um valor e/ou uma função produtiva (tempo em que os indivíduos recuperam as forças psicossomáticas de retorno ao trabalho e estão liberados para o consumo); e, finalmente, o *tempo do lazer*, (tempo livre das obrigações de trabalho, da necessidade de descanso, consumo e alimentação).

Ainda conforme Cunha, o “[...] que inicialmente distingue o tempo de lazer dos demais consiste na flexibilidade de escolha ou de engajamento que o sujeito possui relativamente à atividade e à sua objetivação” (Ibid., p. 19). Nesse sentido, o tempo do lazer seria aquele em que o indivíduo gozaria de liberdade, podendo optar por esta ou aquela atividade segundo os seus desejos e interesses.



De modo geral, essas classificações dos tempos sociais – embora guardem algumas diferenças entre si – se complementam e traz em comum o fato de reconhecerem trabalho e lazer como frações de vida isolada e que se realizam em tempos distintos.

Essas considerações sobre o tempo nos remetem a uma outra dimensão da realidade: o espaço, uma vez que os diferentes tempos sociais só tornam-se possíveis de realizar-se mediante a produção de espaços e espacialidades que lhes sejam específicos.

A cidade é o lugar onde o divórcio entre trabalho e lazer adquire formas espaciais concretas. Como ressalta Dupuy (1975 apud PADILHA, 2000, p. 48), o capitalismo ao dividir o tempo dividiu também o espaço, inscrevendo neste a demarcação tempo de trabalho/tempo de lazer. Nesses termos, a divisão do tempo é a divisão do espaço. Evidencia-se o caráter indissociável entre tempo e espaço, sem o qual não é possível compreender como, na cidade capitalista, à cada tempo social corresponde em geral um espaço específico.

A esse respeito, destacamos uma proposição lefebvriana, citada por Alfredo (2001, p. 50-1), a qual diz que “todo tempo é uma forma de uso do espaço e o espaço uma forma de apropriação do tempo”. Nesse sentido, entendemos o espaço urbano (fragmentado) como sendo expressão, produto e condição geral para a realização do tempo abstrato ou linear. Da mesma forma, entendemos os espaços funcionais constituídos no interior das cidades como sendo expressão, produto e condição específica para a realização dos diferentes tempos sociais.

Enfim, encontramos nas cidades espaços específicos destinados às diferentes situações cotidianas. Temos, pois, que para cada vivência cotidiana há em geral um espaço correspondente e quantitativamente diferenciado: os lugares do trabalho, do lazer, da vida familiar, etc. Quase sempre, sair de um tempo social e entrar em outro significa deslocar-se no espaço.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste texto, objetivamos apresentar algumas idéias relativas ao significado e gênese do lazer na sociedade contemporânea. Buscamos demonstrar que o entendimento do lazer deve considerar o duplo processo industrialização-urbanização bem como a nova concepção e organização do tempo e espaço que se deu com o capitalismo.

Vimos que nas cidades, a partir da concepção linear de tempo, foi possível o trabalho se definir como tempo de trabalho e então dissociar-se das demais esferas da vida social, que por sua vez passaram a se desenvolver também em tempos quantitativamente diferenciados. Essa quantificação do trabalho como tempo-medida não se fez sem ser acompanhada da produção de espaços exclusivamente destinados à produção, lugares onde o trabalho passou a existir como fração de vida isolada. Foi a partir daí que o lazer se definiu como “vivência praticada ou fruída” num tempo e espaço cada vez mais desconexo do tempo e espaço de trabalho.

Depreende-se da discussão desenvolvida neste texto, que a cidade capitalista expressa espacialmente os diferentes tempos vividos pelos homens no cotidiano. Enquanto momento instituído no cotidiano, o lazer configura um tempo social – tempo de lazer – que, de modo geral, realiza-se num espaço que lhe é funcional, ou ao menos determina uma forma de uso/apropriação do espaço que não se realiza simultaneamente a outras formas de uso/apropriação, num mesmo lugar e pelas mesmas pessoas. Assim, na cidade capitalista comumente se vive o lazer separado de outros tipos de vivências e/ou atividades, principalmente o trabalho. Essa situação é diferente daquela do período anterior ao capitalismo, quando o trabalho e aquilo que poderíamos chamar de “lazer” se realizavam num único espaço e tempo.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFREDO, Anselmo. Geografia do turismo: a crise ecológica como crítica objetiva do trabalho. O turismo com “ilusão necessária”. In: **Geosp - Espaço e tempo**, n. 9, São Paulo, 2001, p. 37-62.

CUNHA, Newton. **A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GOUREVITCH, A. Y. O tempo como problema de história cultural. In: RICOEUR, P.; LARRE, C.; PANIKKAR, R.; KAGAME, A.; LLOYD, G. E. R.; NEHER, A.; PATTARO, G.; GARDET, L.; GOUREVITCH, A. Y. **As culturas e o tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 263-283.

LEFÈBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991a.

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991b.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar. In: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 12, n. 1/3, 1992, p. 313-317.

\_\_\_\_\_. **Lazer e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo: um par perfeito**. Campinas, SP: Alínea, 2000.

RODRIGUES, Adyr B. Tempo livre como objeto de consumo e lazer dirigido como oportunidade de manipulação. In: **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo: AGB/SP, n. 68, p. 17-25, 1º semestre de 1989.

THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Trabalho, Educação e Prática Social: por uma teoria da formação humana**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p. 44-93.

Recebido para publicação em 31 de março de 2003.